

BRUNO CÉSAR NASCIMENTO
UEBER JOSÉ DE OLIVEIRA
(ORGANIZADORES)

OS
PENSADORES
DO ESPÍRITO SANTO

DE ANCHIETA A JOSÉ
MARCELLINO PEREIRA
DE VASCONCELLOS

VOLUME I

EDITORA MILFONTES

Os
PENSADORES DO
ESPÍRITO SANTO



Copyright © 2019, Bruno César Nascimento & Ueber José de Oliveira (org.).

Copyright © 2019, Editora Milfontes.

Av. Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória - ES, 29070-053.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)

Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)

Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)

Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)

Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)

Prof^ª. Dr^ª. Helena Miranda Mollo (UFOP)

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Karina Anhezini (UNESP - França)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Nader (UFES)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)

Prof^ª. Dr^ª. Rebeca Gontijo (UFRRJ)

Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP)

Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo (UFOP)

Prof^ª. Dr^ª Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

BRUNO CÉSAR NASCIMENTO
UEBER JOSÉ DE OLIVEIRA
(Organizadores)

OS PENSADORES DO ESPÍRITO SANTO

Volume I

De Anchieta à José Marcellino Pereira de Vasconcelos



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Pintura abstrata

Maria Luiza Fontana Nascimento - *Adaptação*

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P418 Os Pensadores do Espírito Santo. Volume I: de Anchieta à José Marcellino Pereira de Vasconcelos/ Bruno César Nascimento, Ueber José de Oliveira (organizadores).
Vitória: Editora Milfontes, 2019.
254 p.: 20 cm.

Inclui Bibliografia

ISBN: 978-85-94353-77-1

1. Pensamento 2. Espírito Santo 3. Século XIX I. Nascimento, Bruno César II. Oliveira, Ueber José III Título.

CDD 981.52

Sumário

Apresentação.....	7
Força-os a entrar em meu santuário: guerra e governo no pensamento de José de Anchieta.....	13
<i>Davis Moreira Alvim & Izabel Rizzi Mação</i>	
Uma obra magnânima e real: o governador cientista e a primeira política de exploração da bacia do Rio Doce.....	39
<i>Adriana Pereira Campos & Thiara Bernardo Dutra</i>	
Passava, em geral, por homem íntegro: Francisco Alberto Rubim e o reposicionamento do Espírito Santo na geopolítica do Império Luso-brasileiro	73
<i>Patrícia M. S. Merlo & Livia Scheiner</i>	
A biografia de Manoel Pinto Ribeiro de Sampaio: uma análise da formação da elite política no Espírito Santo do Oitocentos....	95
<i>Juliana Sabino Simonato</i>	
Entre a teoria e a prática: o pensamento e a atuação de José Bernardino Baptista Pereira de Almeida (1823-1831)	121
<i>Arthur Ferreira Reis</i>	
“O detentor da imortalidade subjetiva”: José Francisco Monjardim e a construção da ordem imperial	145
<i>Karulliny Silverol Siqueira</i>	
Marcellino Pinto Ribeiro Duarte: um pensador capixaba exaltado.....	171
<i>Adriana Pereira Campos, Fernanda Cláudia Pandolfi & Marcello Basile</i>	
José Marcellino Pereira de Vasconcellos: um Self-Made-Man Capixaba	213
<i>Adriana Pereira Campos & Kátia Sausen da Motta</i>	

Apresentação

Segundo o historiador alemão Reinhart Koselleck, a experiência do passado, tratado racionalmente e transmitido a cada geração, desenvolve nos indivíduos e instituições do tempo presente determinados comportamentos que efetivamente *presentificam* este passado,¹ seja pela memória vivida e revivida nas suas permanências – num passado que não passa –, seja pelas fontes históricas tratadas pelo historiador profissional. Ilustrando tal compreensão acerca da noção de tempo histórico, o referido historiador narra a experiência da execução de Carlos I, que, segundo ele, teria aberto, mais de um século depois,

o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao seu rei não encontrou eco. Mas entre a Revolução Inglesa passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas.²

Partindo destas considerações valiosas de Koselleck, a coletânea que o leitor tem em mãos – composta por 3 volumes e 25 capítulos – tem por objetivo tratar de personagens singulares

1 PRADO, Solange Faria. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”: relações de poder na colônia de ingleses no sul da província do Espírito Santo no Oitocentos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 17, n. 27, 2016.

2 KOSELECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 308-309.

da história capixaba, que, mesmo eventualmente não nascidos no Espírito Santo, aqui residiram, trabalharam, empreenderam, ou, no limite, criaram laços com a região, e que, por isso, lançaram seus olhares em direção ao passado – o lugar da experiência segundo Koselleck –, procuraram do mesmo modo descortinar seu presente e também projetá-lo quanto a seu futuro, isto é, vislumbrando seu *horizonte de expectativas*.

Deste modo, sem cairmos naquilo que o sociólogo francês Pierre Bourdieu denominou de *ilusão biográfica*, isto é, uma narrativa unilinear, “unidirecional, com um começo [...], etapas e um fim”,³ a coletânea problematiza a trajetória de alguns personagens, que procuraram compreender e projetar o Espírito Santo, desde o seu processo de colonização, quando se constituiu em Capitania, passando pela fase provincial, durante o Brasil Império (1822-1889), até o período republicano mais recente.

Nesse sentido, por tratarmos de interpretações acerca de uma realidade regional, procuramos sintonia com aquilo que José Carlos Reis denomina de leituras plurais do Brasil. Por elas, segundo o historiador mineiro, não obstante à narrativa geral do Brasil, propalada pelo IHGB a partir de Von Martius e Varnhagen – centrada no Rio de Janeiro, na monarquia, e que reivindicava a condição de história nacional –, perpetuou-se, mais uma entre as leituras plurais do Brasil, mas que não fora tratada por Reis – *a capixaba*.

Assim, além das narrativas identificadas pelo historiador mineiro no volume 3 de sua trilogia⁴ – a *Narrativa Bandeirante*, a *Farroupilha*, a do *Tempo Confederador* (Pernambuco), a

3 BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta Moraes. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183.

4 REIS, José Carlos. **As identidades no Brasil 3: de Carvalho à Ribeiro: história plural do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

Amazônida, a *Inconfidente*, além da própria *Saquarema* – há também a *narrativa capixaba*, não tratada por ele, mas que por meio desta obra se pretende cotejar. Deste modo, a coletânea acaba por desvelar, por meio da compreensão de diversos intelectuais engajados nas suas tarefas econômicas, políticas, sociais e/ou religiosas, o modo como os capixabas se leem e como se leem perante o conjunto do Estado nacional, nos mais diversos tempos.

O primeiro volume trata de personagens/pensadores inseridos no império lusitano pré e pós-ilustração. Inicia-se com o capítulo escrito por Davis Alvin e Izabel Rizzi, que versam acerca do Padre José de Anchieta, jesuíta que participou ativamente no incremento da Capitania, e o modo como ele inscreve a *guerra* no prelúdio da história do Brasil. Segundo os autores, a guerra, estava colocada como condição fundamental para o estabelecimento do cristianismo na América portuguesa e possuía íntima relação com aquilo que o padre esperava do governante secular.

Do segundo capítulo em diante, temos trabalhos que tratam de personagens inseridos no contexto da ilustração portuguesa, momento de significativas transformações perpetradas especialmente a partir da ingerência de Marquês de Pombal, com vistas a modernizar as instituições lusitanas. Apesar da articulação das ideias modernas com a tradição católica, cuja consequência foi a manutenção de diversas tradições e estruturas, o iluminismo português, manifesto nas reformas pombalinas, efetivamente promoveu mudanças nas mais diversas áreas com o intuito de melhorar a eficácia administrativa, entre elas o vultoso investimento nas instituições educacionais com o intuito de formar quadros técnicos para gerir os negócios da Coroa no ultramar, a exemplo da reforma na Universidade de Coimbra.

É o caso do personagem trabalhado no segundo capítulo por Adriana Campos e Thiara Dutra. As autoras trazem um interessante estudo acerca do matemático brasileiro, formado em Coimbra, e primeiro governador da capitania do Espírito Santo, Antônio Pires da Silva Pontes e sua pretensão de implementar a primeira política de exploração da bacia do Rio Doce, por meio da criação de uma rede mercantil, e o contexto em que a política foi pensada pelas autoridades luso-brasileiras.

Em seguida, no terceiro capítulo do volume I, Patrícia Merlo e Livia Scheiner, tratam da trajetória de Francisco Alberto Rubim, governador da Capitania do Espírito Santo entre os anos de 1812 e 1819 e o papel desempenhado por ele à frente da Capitania, quanto a estratégia de reposicionamento do Espírito Santo em um contexto mais geral da geopolítica do Império lusitano entre os anos finais do século XVIII e inícios do XIX, medidas estas que representam a consolidação das ações dos seus antecessores, no caso o próprio Silva Pontes (1800-1804) e Manuel de Albuquerque Tovar (1804-1812).

Após a independência do Brasil em relação à Portugal, é bom frisar, esta geração de portugueses nascidos no Brasil e formados na burocracia ilustrada de Portugal, em especial na Universidade de Coimbra, ficarão encarregados tanto por edificar o Estado Nacional brasileiro e consolidá-lo, quanto por geri-lo.

É neste panorama que se enquadra o objeto do quarto capítulo do volume, escrito por Juliana Sabino Simonato, que analisa a trajetória de Manoel Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio, um intelectual ilustrado, com formação em Direito na Universidade de Coimbra, nascido na *Vila da Victória*, Espírito Santo, no final do século XVIII, atuante político da aristocracia brasileira do Oitocentos e que exerceu atividades

de cunho jurídico-administrativo em Lisboa, África e Brasil. No estudo, Simonato procura evocar um debate a respeito da formação e do perfil da elite política, e sua atuação na construção do Estado nacional no contexto brasileiro do início do século XIX.

Em seguida, no quinto tópico, Arthur Ferreira Reis trata da rica trajetória de José Bernardino Baptista Pereira de Almeida, entre os anos de 1823 a 1831, nascido em Campos dos Goytacazes, quando esta localidade ainda fazia parte do Espírito Santo, desde a extinção da antiga capitania da Paraíba do Sul. No interessante capítulo, o autor analisa o personagem, que também se formou em Coimbra, em duas partes: em primeiro lugar trata do conteúdo de dois livros escritos pelo autor em 1823, enquanto acompanhava os tumultuados trabalhos e debates da Constituinte do Brasil recém-independente. Nele, destaca as reflexões que José Bernardino fez acerca do Espírito Santo e o seu lugar no contexto do Império em construção. E no segundo item do capítulo, analisa a atuação de Bernardino como deputado e suas propostas na Câmara, em interface com sua teorização trazida nos livros, revelando, também, as ideias do deputado.

No sexto capítulo, Karulliny Silverol Siqueira discorre acerca da trajetória de José Francisco Monjardim (1797-1884) e o papel desempenhado por ele na edificação da ordem Imperial. Ao tratar da experiência da elite dirigente que atuava na Corte, Karulliny se concentra na ação das elites regionais dentro do processo de formação do Estado imperial no período pós-independência. É neste contexto que a análise de Francisco Monjardim torna-se importante, pois despontou como condutor de um projeto político baseado na ordem e na monarquia a partir de ações políticas locais, mas que se expandia para a consolidação do Império como um todo.

No sétimo capítulo do volume I, Adriana Pereira Campos, Fernanda Cláudia Pandolfi e Marcello Basile discorrem a respeito de Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, um instigante pensador capixaba liberal-exaltado, membro de um dos mais poderosos ramos familiares da província – os Pinto Ribeiro – e que, radicado na Corte em 1822, figurou entre os mais proeminentes redatores da imprensa regencial (1831-1840), por meio de seu periódico *O Exaltado*. Os autores desvelam a vida do personagem, trazendo diversos aspectos da sua agitada trajetória, que esteve diretamente envolvido naquele contexto de intensos debates políticos, e de importantes definições quanto ao desenho institucional que o país adotaria.

E por fim, no oitavo e último capítulo do primeiro volume, Adriana Pereira Campos e Katia Sausen da Motta tratam do jurista José Marcellino Pereira de Vasconcellos e de sua relevante produção no âmbito do direito que, apesar de volumosa e prestigiada no seu tempo, segunda metade do século XIX, hoje é quase desconhecida. Ao prestigiarem o personagem, as autoras acabam por fazer uma justa correção em relação ao esquecimento desferido ao personagem que é Vasconcellos.